

# Editorial

Bruno Almeida

Diretor Clínico Adjunto da Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal (APDP)



Nesta edição da Revista Portuguesa de Diabetes, publicada durante o período sazonal de infeção pelo vírus da *influenza*, é publicado um artigo sobre a relação entre a gripe e a diabetes.

Ao longo da história existiram vários surtos pandémicos pelo vírus da *influenza*, alguns deles com elevada taxa de letalidade. Uma delas, a designada Gripe Espanhola de 1918, causada pelo vírus *influenza A* (H1N1), foi marcada por uma virulência excepcional. Caracterizando-se por ter infetado cerca de 500 milhões de pessoas, essencialmente jovens saudáveis, esta pandemia destacou-se por uma resposta imunológica exacerbada, tendo sido uma das pandemias mais mortais da história da humanidade com cerca de 17 a 50 milhões de mortos a nível global. As respostas a esta pandemia moldaram a prática médica e de saúde pública, enfatizando a importância da vigilância epidemiológica, intervenções rápidas e pesquisa contínua. Este evento histórico reforçou a necessidade de investimentos em infraestrutura de saúde global. Ao longo da história, as pandemias pelo vírus *influenza*, origi-

nadas pela constante evolução do vírus, representam complexos desafios globais. A rápida mutação do vírus exige atualizações regulares das vacinas existentes. A disseminação eficiente, muitas vezes assintomática, é amplificada pela globalização. Durante essas crises, os sistemas de saúde enfrentam pressões significativas, com elevada procura e necessidade de rápida adaptação dos serviços de saúde. A resposta eficaz requer vigilância, diagnóstico precoce, tratamento adequado e vacinação em larga escala.

A interação entre a gripe e a diabetes, a principal doença crónica da atualidade, representa um campo de estudo crucial na medicina contemporânea, onde a complexidade das vias fisiopatológicas e as particularidades imunológicas desempenham papéis fundamentais. A compreensão aprofundada dessa inter-relação é essencial para otimizar a gestão clínica dessas condições crónicas e mitigar os riscos potenciais associados. A diabetes apresenta uma relação bidirecional com a gripe. As pessoas com diabetes com mau controlo glicémico, devido a uma imunossupressão inerente e a alterações na resposta inflamatória, são suscetíveis a complicações mais graves quando infectados pelo vírus *influenza*. A resposta imunológica comprometida pode resultar numa capacidade reduzida de conter a replicação viral, levando a um curso clínico mais grave da infecção. Reciprocamente, a gripe pode exacerbar a instabilidade glicémica em pessoas com diabetes, uma vez que o stress metabólico associado à infecção pode desencadear resistência à insulina. Além disso, a resposta inflamatória sistémica induzida pela gripe pode comprometer ainda mais a homeostase glicémica, aumentando o risco de complicações cardiovasculares e microvasculares. Estratégias de vacinação contra a gripe, adotando para as populações mais vulneráveis as novas vacinas para a gripe, desempenham um papel crucial na prevenção de complicações graves, proporcionando uma defesa imunológica robusta em pessoas com diabetes. Além disso, a personalização da terapêutica antidiabética durante episódios de infecção aguda requer uma compreensão das complexas interações entre a inflamação e o metabolismo glicémico. Em síntese, a relação entre a gripe e a diabetes transcende os domínios da patologia singular, exigindo uma abordagem multidisciplinar para otimizar os resultados clínicos. A integração de medidas preventivas e terapêuticas personalizadas representa um avanço significativo na promoção da saúde e na gestão eficaz dessas condições interconectadas.